



AD2M Engenharia de Comunicação

Data 16/01/2009

Site: revistaepoca.globo.com



exclusivo online

16/01/2009 - 17:45 - ATUALIZADO EM 16/01/2009 - 18:21

Vale a pena congelar o cordão umbilical?

Para a medicina, não há benefícios comprovados da prática, que chega a custar R\$ 5 mil. Bancos privados discordam e promovem a prática como um "seguro biológico" dos pais para o bebê

JOSÉ ANTONIO LIMA



A quantidade de escolhas que um casal precisa fazer quando descobre que está esperando um bebê é enorme. Algumas são tranquilas e prazerosas, como a opção pelo nome. Outras são acompanhadas de grandes gastos, como a maternidade e as consultas médicas. Hoje em dia, um outro dilema, que também pode resultar em um grande gasto, tem sido levantado para mães e pais: vale a pena guardar o sangue do cordão umbilical do bebê?

O maior problema na hora de decidir sobre isso é que há opiniões divergentes. Enquanto para os responsáveis por laboratórios privados, que oferecem os serviços, o armazenamento do sangue é comparado a um "seguro biológico", muitas entidades médicas avaliam a prática como uma mera aposta, semelhante a práticas como o congelamento do corpo na tentativa de que ele ressuscitado no futuro, que não tem nenhuma indicação de benefício em pesquisas científicas.

A maior parte dos cordões continua sendo descartada logo após o parto em todo o mundo, mas o desenvolvimento da pesquisa com células-tronco e a descoberta de que o sangue do cordão possui uma grande quantidade delas fez com que o material adquirisse muita importância. Hoje em dia, o principal uso se dá nos transplantes de medula em casos de doenças como leucemias, linfomas e anemias graves – nesses casos, no



ESCOLHA

Na hora de ter um filho, pais precisam decidir se vale ou não gastar dinheiro com a preservação do cordão

fazer as células-tronco regenerarem tecidos ou mesmo gerarem órgãos inteiros. E é justamente nesse ponto que a polêmica é maior.

Para a ciência, não há benefícios comprovados

"Não há nada que dê suporte científico a essa teoria de produção de órgãos e não está provado que o tipo de célula-tronco encontrada no sangue do cordão é útil para a medicina regenerativa", afirma Luis Fernando Bouzas, diretor do Centro de Transplantes de Medula Óssea do Instituto Nacional do Câncer (Inca). Bouzas explica que quase todas as células-tronco presentes no cordão umbilical são do tipo hematopoiéticas, que dão origem a células do sangue, e apenas 10% são mesenquimais – aquelas que comprovadamente têm maior capacidade de se diferenciar em células de ossos e músculos. Foi esse tipo de célula que cientistas usaram, por exemplo, para fazer uma nova traqueia com células-tronco da própria paciente na Espanha (leia mais sobre a técnica) no ano passado. "Além disso, se as células puderem, no futuro, ser usadas para curar um ataque cardíaco, por exemplo, uma criança nascida hoje só precisaria das células dentro de 60 anos, quando as técnicas para o tratamento convencional já estarão muito mais evoluídas", afirma.

Por enquanto, ainda não há um tratamento médico consagrado que utilize o sangue do cordão umbilical para beneficiar a própria criança que teve o sangue armazenado. Tudo está no campo dos experimentos. "Além de ter uma indicação limitadíssima, os transplantes de células do sangue para a própria pessoa têm efeito paliativo, e apenas prolongam a sobrevivência da criança", afirma.

De acordo com um documento da Academia Americana de Pediatria (AAP), a chance de uma criança precisar das células contidas no sangue de seu próprio cordão umbilical é de apenas uma em 20 mil. A entidade também critica os laboratórios privados por abordarem os pais "em um momento emocionalmente vulnerável", vendendo a possibilidade da salvação da vida de seu filho. O fator agravante, e que gera críticas tanto no exterior quanto no Brasil, é o valor cobrado pelos serviços. Uma pesquisa feita por ÉPOCA encontrou orçamentos variando de R\$ 3,5 mil a R\$ 5 mil, além da taxa anual de manutenção, de cerca de R\$ 600.

Quando congelar é indicado

A AAP recomenda que os pais só recorram a um banco privado no caso de uma mãe que está grávida ter um filho mais velho que sofra de doenças como a leucemia, por exemplo. Nesse caso, o sangue do irmão mais novo pode ser compatível com o do irmão doente e servir para salvar a sua vida. Esse é um dos argumentos mais fortes por parte dos laboratórios privados. "O fato de que a sobrevivência é dobrada caso haja um grau de parentesco entre doador e receptor tem dado suporte aos pais que decidem armazenar o sangue para uso de seus familiares", diz Karolyn Sassi Ogliari, diretora do laboratório Hemocord, sediado em Porto Alegre.

As instituições privadas também defendem a prática alegando que a medicina poderá desenvolver novas utilizações para o sangue do cordão umbilical e que as células-tronco preservadas estarão livres de agressões por fatores externos, como a poluição, o tabagismo ou o efeito de drogas. E defendem os valores cobrados. "Há pais que priorizam a decoração e iluminação do quarto do bebê ou o enxoval. Por que não fazer um seguro biológico para o seu filho?", questiona Ana Paula Moreira, diretora técnica do laboratório Criocord, de Fortaleza.